

A CASA 
TOMBADA
Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

**O QUE DIZEM AS CRIANÇAS SOBRE SUAS
PESQUISAS E DESCOBERTAS EM SEUS DIÁLOGOS
SEM PALAVRAS?**

Carla Bruna Altafini Nastri

São Paulo

2020

A CASA TOMBADA

Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

O QUE DIZEM AS CRIANÇAS SOBRE SUAS PESQUISAS E DESCOBERTAS EM SEUS DIÁLOGOS SEM PALAVRAS?

Carla Bruna Altafini Nastri

Trabalho realizado sob a orientação da Profa. Dra. Luiza Helena da Silva Christov, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato Sensu "A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis"

São Paulo

2020

RESUMO

Com o objetivo de compreender como as crianças aprendem e nos comunicam suas investigações e descobertas, ainda na ausência de palavras, percorri, ao lado delas, um caminho totalmente construído pelas rotas de seus pés, que, de singular, tornou-se plural ao caminharmos juntos.

Esse estudo foi realizado junto a crianças de 13 a 24 meses, na escola de Educação Infantil Criarte onde atuo como professora.

Neste trabalho, muitas perguntas procuraram ser respondidas no encontro com teorias, práticas e vivências, que evidencia como as crianças são repletas de saberes e experiências de vida, que se escutadas com sensibilidade e respeitadas, as torna protagonistas de seus próprios aprendizados.

Os aprendizados principais foram: crianças em sua tenra idade, que ainda não se comunicam através das palavras, revelam um corpo potente e repleto de iniciativas para expressar-se; olhar as crianças a partir de seus gestos e expressões, pode ser um novo caminho para pensar, repensar e trabalhar com projetos pedagógicos para educação de crianças muito pequenas.

Palavra – chave: Expressão, gestos, crianças, pesquisas, caminhos, liberdade, comunicação.

ABSTRACT

In order to understand how children learn and communicate their investigations and discoveries to us, even in the absence of words, I walked beside them a path totally built by the routes of their feet, which, unique, became plural when we walked together.

This study was carried out with children from 13 to 2 months of age at the Criarte Early Childhood Education School where I work as a teacher.

In this work, many questions sought to be answered in the encounter with theories, practices and experiences, which shows how children are full of knowledge and life experiences, which if listened to with sensitivity and respect, makes them protagonists of their own learning.

The main apprenticeships were: children at their tender age, who still do not communicate through words, reveal a powerful body full of initiatives to express themselves; looking at children from their gestures and expressions, can be a new way to think, rethink and work with pedagogical projects for the education of very young children.

KEYWORDS : Expression, gestures, children, research, paths, freedom, communication.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas pequenas crianças que cruzaram os caminhos da minha vida e de alguma forma, me trouxeram aonde estou hoje. Pequenos pés, pequenas mãos, pequenos corpos, grandes passos, imensos em seu ser.

Dedico também a todos educadores que enfrentam diariamente a complexidade de se educar, com um sorriso no rosto e muitas marcas de tinta pelo corpo.

A todos os seres de luz, que direta ou indiretamente, nos tocam o corpo e sopram em nossos ouvidos as inspirações da vida.

Carla Bruna Altafini Nastri

AGRADECIMENTOS

Minha imensa gratidão a vida, por permitir que eu esteja aqui e enxergue com clareza os caminhos que devo trilhar.

As pessoas que direta ou indiretamente, cruzaram meu caminho e me ajudaram a ser o que sou hoje, meus mais sinceros agradecimentos.

Ao meus pais, por sempre me fazerem ir mais longe, acreditar nos meus sonhos e apostar em mim.

Meu mais profundo agradecimento, por sempre serem um porto seguro, um porto amigo, um lugar de pouso.

Meus irmãos, que formam um pilar importante na sustentação do que sou hoje e me ajudam a andar por um caminho de grande cumplicidade e afeto. Ponte para lembrar e reviver o passado e a infância, tudo aquilo que outrora fomos e vive dentro de nós.

A todas amigas, professoras e educadoras que me ajudaram a trilhar este caminho na educação. Que sempre exaltaram ou me fizeram enxergar erros e acertos, e muitas vezes estiveram ao meu lado para além da profissão. Gratidão pelo encontro desta vida!

A todas as escolas por onde passei desde que ingressei neste trabalho com crianças, e que foram de suma importância na construção do que sou hoje. Me possibilitaram viver as mais diversas experiências para que eu chegasse até aqui.

A escola onde atualmente trabalho, obrigada por sempre acreditar e apostar em mim. Abrir espaço para que eu aprendesse e ensinasse.

Por permitir que este trabalho fosse experienciado e concluído.

Obrigada por me acolher tantas e tantas vezes.

Aos meus queridos amigos, que sempre estiveram do meu lado, ouvindo e compartilhando ideias, sugestões e aflições. Muitas vezes, seguraram as pontas. E ao meu parceiro de vida, agradeço pela paciência, pela parceria, e pela escolha em caminhar junto ao meu lado, meu muito obrigada!

Aos meus pequenos sobrinhos, que neste tempo de pesquisa, chegaram ao mundo trazendo uma cor e uma alegria incomparável. Uma emoção jamais

sentida antes. Obrigada por já tão cedo, me presentarem com sorrisos tão sinceros e carinhosos.

Por fim, minha mais profunda gratidão, às famílias das crianças que sempre acreditaram e confiaram seus pequenos tesouros a mim.

Obrigada, por colocarem em meu colo e compartilharem comigo seus corações fora do peito com tanto respeito e reconhecimento.

E as crianças, parceiros de todos os dias, não encontro palavras para agradecer os encontros que nos permitiram caminhar juntos. A todos vocês que atravessaram minha vida, meu eterno agradecimento por permitir que eu dividisse com vocês um pouco do que sei, e por assim, aprender com o tanto que sabem! Gratidão!

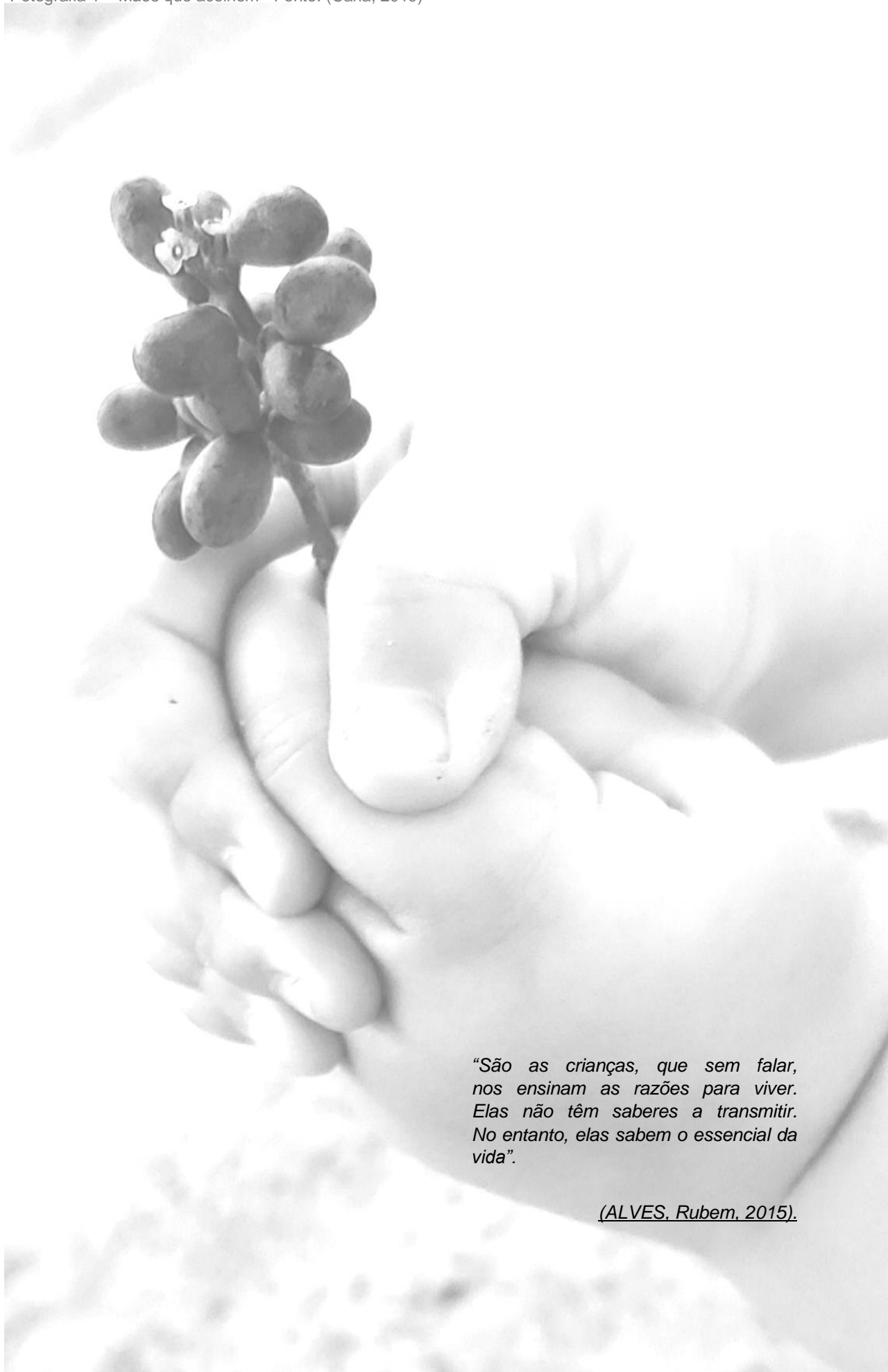
Lista de ilustrações

Fotografia 1 – Mãos que acolhem.....	Folha de rosto
Fotografia 2 – O encontro de Victor, Benicio e Felipe.....	28
Fotografia 3 – O olhar de Luiza.....	29
Fotografia 4 – Gabriel e seus pneus.....	34
Fotografia 5 – Lina e o violão.....	35
Fotografia 6 – Guido e a percussão.....	36
Fotografia 7 – Romeu e o ciclo da vida.....	38
Fotografia 8 – Joaquim e a tinta.....	39
Fotografia 9 – Alice e Pedro e a delicadeza do encontro.....	41
Fotografia 10 – O voo pássaro e o céu azul.....	46
Fotografia 11 – O caminho deles.....	51
Fotografia 12 – Um novo encontro.....	54
Fotografia 13 – O grupo.....	55

INDICE

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. AS CRIANÇAS PESQUISAM.....	17
2.1. O INÍCIO DA PESQUISA.....	17
2.2. A PESQUISA ESCRITA PELAS CRIANÇAS.....	24
3. APRENDIZADOS E REFLEXÕES SOBRE O PRESENTE.....	56
REFERÊNCIAS.....	65
APÊNDICE A – ENSAIO FOTOGRÁFICO - FOTOS SOBRE A POTÊNCIA DO GESTOS COMO FORMA DE EXPRESSÃO DO SER.....	67

Fotografia 1 – Mãos que acolhem - Fonte: (Carla, 2019)



“São as crianças, que sem falar, nos ensinam as razões para viver. Elas não têm saberes a transmitir. No entanto, elas sabem o essencial da vida”.

(ALVES, Rubem, 2015).

INTRODUÇÃO

Sou professora desde 2009.

Atuei inicialmente na educação informal, onde trabalhei com crianças em situação de vulnerabilidade social, junto a uma entidade filantrópica.

Atuei também em uma escola de Educação Infantil da rede privada, e atualmente trabalho em outra Escola de educação infantil também darede, onde estou há alguns anos.

Esse estudo foi desenvolvido junto a crianças de 13 a 24 meses, no grupo 1 onde sou professora, no período da manhã.

Parto de uma inspiração.

[...] Hoje eu estou quando infante. Eu resolvi voltar quando infante por um gosto de voltar. Como quem aprecia de ir às origens de uma coisa ou de um ser [...]

[...] neste tempo a gente era quando crianças. Quem é quando criança a natureza nos mistura com as suas árvores, com as suas águas, com o olho azul do céu. Por tudo isso que eu não gostasse de botar data na existência. Porque o tempo não anda para trás. Ele só andasse para trás botando a palavra quando suporte. (BARROS, Manoel, P.49 e 50.)

Ela estava ali, brincando em um banco de madeira que havia transformado em uma pequena mesa para sua experimentação. Ainda que estivesse amparada pela deliciosa sombra da ameixeira, o generoso sol estava lá, a banhar o banco, o chão de areia e suas pequenas mãos, que com seus dois anos de idade, “trabalhavam” incessantemente na descoberta da quantidade certa de água que colocava em um pequeno recipiente com areia. Ela testava com bastante cautela, as medidas exatas para que sua mistura não transbordasse.

Seu olhar atento revelava um interesse único pelas quantidades e medidas. Quando a água arriscava -se a cair um pouco para fora do recipiente, ela transformava suas mãos em pequenas conchas, resgatava e devolvia a

água ao pote, na intenção de não perder nenhum elemento. Tudo ali, parecia, e de certo, era muito valioso e importante para sua investigação.

E quanto ao sol, ele havia deixado tudo ainda mais encantador.

Foi neste instante, enquanto eu observava o brincar livre das crianças, que me vi nos olhos dela, tão dentro, ainda que estivesse apenas do lado de fora.

A alquimia havia acontecido, mas naquele momento, dentro de mim e foi assim que reconheci que quando o inesperado acontece, ele nos preenche, e quando nos preenche, sabemos que estamos no caminho certo.

Com isso, passei a considerar ainda mais, o que no meu interior já ecoava a muito tempo, as crianças pesquisam e descobrem a TODO momento.

Com esta inquietação que sempre me moveu, passei a pensar, ouvir e refletir – mudei a rota da inquietação para ânsia em responder a tantas perguntas e porquês. Como por exemplo, por que ninguém olhava aquilo com tanta seriedade?

Crianças correndo, sorrindo, conversando entre si, fazendo escolhas, resolvendo conflitos. Essas ações tão importantes que falam nitidamente que ali está acontecendo as aprendizagens mais importantes para o desenvolvimento em plenitude do ser – o aprendizado para a vida.

Muitas vezes, nesta intensa caminhada, nossas certezas e incertezas esbarram com um tempo em que tudo tem que acontecer, e os conteúdos exigidos nos obrigam a seguir caminhos que não foram traçados por nós e muito menos pelas crianças.

Mas como professores, múltiplos no nosso fazer diário, temos muitas maneiras de flexibilizar isso, e é acreditando no que fazemos!

Ao seguirmos de mãos dadas com as crianças, é preciso uma bagagem repleta de coragem e bons argumentos, para revelarmos ao mundo, o que é que impulsiona a verdade que os faz crescer dignos de uma infância saudável. E acreditem, brincar livremente, já é um grande argumento.

Na busca por tanto sentido, precisei sair de mim, caminhar, ir para o outro, voltar a infante, como diz Manoel de Barros, e dizer para todos: *Elas também estão aprendendo e apreendendo, enquanto brincam*. E na verdade, isso aconteceu de uma maneira muito natural e sutil, como um sopro aos meus

olhos e ouvidos - um despertar de mim para tudo aquilo, e ainda que na insegurança da vida inicial como professora, segui firmemente lutando por aquilo que eu acreditava - na potência das crianças e em seus valiosos saberes.

Foi então, que retomei para mim, o quanto as crianças são capazes de nos mostrar nas trilhas dos dias, todo aprendizado que há em seus gestos, expressões, e em suas múltiplas linguagens.

Elas não precisam dizer em palavras, seu agir está posto diante de nossos olhos.

Por isso, me desprendi das incertezas e inseguranças, e permiti que ficassem livres nos seus desejos de brincar e caminhar. Por fim, compreendi o que elas tanto me falavam.

Diziam, ainda sem palavras, sobre a essência de viver seus dias com liberdade e leveza. Mostravam tudo que aprendiam através de seus gestos investigativos e tão divertidos.

Talvez o que tenha me movido a tudo isso, é que minha infância não foi diferente, mesmo que diante de algumas dificuldades (e quem não as teve), cresci na liberdade de levar meu corpo aonde eu queria.

Subir em árvores, sem que alguém me dissesse que eu não conseguiria, tirar as boias em uma piscina tão profunda, tendo somente os olhos de quem acreditava em mim, me amparando e acompanhando do lado de fora, caso eu precisasse. Essas, são apostas diárias de confiança e afeto, e é assim que acontece quando acreditamos na capacidade do outro - ele cresce capaz de ser e de fazer.

Quando dizemos, mesmo que nas entre linhas, que elas não são capazes, estamos fracassando a criança, que sozinha, talvez saiba muito, sobre sua própria capacidade. E isso não tem a ver com cuidados e limites, tem a ver com dizer, ainda que sem palavras: *nós acreditamos em vocês e nas suas escolhas e estamos aqui para olhá-los, acompanhá-los e ampará-los*. E isso cabe, ou ao menos deveria caber, a todas as crianças que habitam a terra.

Mas também quem sabe, eu simplesmente tenha entendido meu propósito diante dessas pequenas vidas. Porque quando entendemos o

propósito que está diante de nós, nos transformamos, mudamos a rota e dificilmente voltamos a ser o que éramos ontem.

Muitas perguntas nos circundam quando estamos frente à prática escolar.

As inquietações nos levam a movimentar o corpo em busca de respostas, que intimamente, talvez já a tenhamos tão fortemente dentro de nós.

A busca por sentidos e respostas, abre caminho para uma correnteza de teorias que logo se encontra no ingresso a uma pós graduação tão sensível e profundamente inspiradora, que fomenta de tal maneira a experiência, que a cada encontro, vai dando forma e contorno a um corpo com sede de saber mais.

Segue respondendo com delicadeza, as tantas questões internas e externas que existe dentro nós.

O interesse em entender tudo isso foi crescendo à medida que também fui revistando minhas práticas e refletindo sobre minhas frustrações diante de propostas que muitas vezes não davam certo.

O que é que eu dizia que elas não entendiam? Ou será, que era elas que estavam me dizendo algo e eu não estava escutando?

Fui reconhecer que o erro estava em mim, quando passei a ouvir as crianças, e respeitar seus tempos, espaços e limites, e isso foi acontecendo com o amadurecimento do tempo que me deixei levar, logo no início de minha formação.

E o que é ouvir atentamente as crianças em suas múltiplas linguagens, quando o desafio está em silenciar o nosso próprio corpo, para escutar atentamente suas emoções, seus gestos, suas posturas e seus diferentes movimentos e direcionamentos.

Foi daí, que parti por um caminho de acompanhar as crianças em suas singularidades, dentro de um percurso que naturalmente, foi se tornando plural ao caminharmos juntos.

E parecia mesmo ser de caminhos que àquelas crianças falavam durante minha observação em campo - o caminho que elas trilhavam.

Foi possível reconhecer cada um em seus momentos livres, enquanto pesquisavam e descobriam o mundo, assim como, os vi crescer e se tornar um grupo.

Ao longo das minhas observações, me vi tendo que fazer uma escolha: Falar apenas de uma criança, ou descrever um caminhar coletivo?

Neste trabalho, não pude deixar de ressaltar as delicadezas das pesquisas individuais, mas também, não tinha como não falar de caminhos de pesquisas espontâneas, que nasciam no encontro com o outro, e que de fato, era o que verdadeiramente senti que elas me falavam.

Por isso, o presente trabalho, procurou analisar, as diferentes e tão potentes formas de comunicação de crianças entre 13 a 22 meses, em suas plurais e singulares formas de estar no mundo.

Gestos, expressões e balbucios foram florescendo em uma estrada, que foi percorrida com autoria e protagonismo pelas crianças, em companhia de seus educadores. E segundo ORTIZ E CARAVLHO (2009, p.157)

“O corpo fala, os olhares falam, o riso fala, o choro fala, as mudanças de comportamentos falam, sem ainda se utilizar das palavras o bebê “fala”, se comunica, nos contando quando sente fome, dor, quando está satisfeito, quando descobre algo interessante, quando alguma coisa nova acontece[...]”

Sim! Há muita coisa potente acontecendo aonde ecoam os sons do corpo, mas precisamos estar atentos ao invisível que nos toca, ao que não está sendo dito pelas palavras e que nos mobiliza a caminhar adiante.

Neste sentido, este trabalho teve como ponto de partida as práticas escolares com crianças, em suas mais diversas maneiras de expressar-se e de construir seus caminhos de pesquisa.

Falo muito de pesquisas, investigações e descobertas, porque acredito que se destacarmos e evidenciarmos o tanto que se aprende nesses momentos – no brincar e nos momentos de liberdade em escolher onde estar, vamos conseguir fazer o mundo escutar e acreditar na importância desses instantes de vida para o desenvolvimento integral da criança.

Ao apostar na potência que o brincar tem, que os momentos de solitude tem, é fácil entender que elas aprendem muito mais quando fazem suas próprias escolhas, porque partem do interesse delas em investigar o mundo que as cerca.

Pensar nas infâncias, nas crianças, e em seus potentes corpos, muitas foram as reflexões que surgiram no que diz respeito ao trabalho com crianças tão pequenas, e é por isso, que está pesquisa procurou responder uma pergunta, tão cheia de tantas outras: *O que nos dizem as crianças sobre suas pesquisas e descobertas em seus diálogos sem palavras, quando estão pleno estado de liberdade ?*

Como constroem esse caminho de investigação tão próprio delas?

Quais são os gestos e movimentos desses corpos tão pequenos, que são capazes de traduzir tantos aprendizados e tantas apreensões?

Para responder essas perguntas, elegi alguns recursos que me ampararam ao longo do percurso, como registros fotográficos, vídeos, e diários de anotações, onde diariamente registrava minhas impressões, inspirações, observações e a grande intuição.

Também participei de forma mais ativa quando solicitada pelas crianças, ora estando na interação, ora estando apenas na observação distante. Ao final de cada percurso, me organizava no silêncio para permitir às sensações de cada momento, e estas sensações também entraram nos meus registros, que foi analisado pouco a pouco ao longo da pesquisa, e mais fortemente no final de todo processo de observação.

1. AS CRIANÇAS PESQUISAM

2.1 O INÍCIO DA PESQUISA

*“[...]Caminhante, não há caminho, se faz caminho ao andar[...]”,
(MACHADO, Antonio. – Poema Cantares).*

Entendi que tudo se tratava de um caminho, quando me vi traçando uma rota do início ao fim de um percurso grandioso e genuinamente construído pelas crianças e vivido com tamanha gratidão por mim.

Foram aproximadamente 10 meses de um lindo caminhar, que me fez entender que são esses seres, que ainda muito pequenos, nos cruzam a existência e nos apontam as rotas dos dias que iremos viver.

Nos convidam a seguir com elas as trilhas de seus desejos, em caminhos que as levam ao encontro do seu próprio existir. Eu logo me vi ali! Embarquei na viagem e ancorei naquelas infâncias que me atravessavam tão fortemente. E que travessia!

Enxergar as esquinas com total segurança, acessar lugares sozinhos, ainda é uma tarefa desafiante na pequenez do ser e somente acontece quando há alguém que lhe dá voz e espaço e lhe oportuniza este lugar de pertencimento e respeito à sua experiência de vida, porque é assim que ela vai ajustando nos novos lugares por onde passa, um jeito de se situar no novo.

No protagonismo de seu ser, as crianças constroem experiências cheias de significados e riquezas.

Caminhar com as crianças e reconhecer o valor de suas ações é potencializar ao mundo o quanto são capazes de se desenvolver a partir do que já trazem consigo - a partir do que são.

Nessa jornada, muitas vezes me vi em um estado de contemplação. Apreciando a presença do olhar das crianças na construção de seus próprios caminhos. Há nelas, uma coleção de olhares que nos encanta e nos convida a perceber o que percebem, a ver o que estão vendo e a contemplar tudo que as cerca. Nos atinge de tal maneira, que as falas de uma outra língua, que não a nossa convencional, surge para nos fazer prestar atenção a tudo que seus corpos falam.

À medida que caminham, também fazem suas paradas, e a primeira delas acontece logo depois que adentram este novo mundo.

Quanta complexidade, novidades, possibilidades e desafios.

Nesta parada há pessoas, afetos, encontros e desencontros, assim como, elas também esbarram com os medos, as incertezas, inseguranças e tristezas, e são esses sentimentos, que vão dando contorno e forma ao seu caminhar.

Aprende-se um tanto, erra-se de monte. Resiste bastante.

Pergunta-se de tudo: Quem? Como? Por quê? Quando? Pode?

Ainda muito pequenas, a caminhada é quase sempre ao lado de alguém que lhes estende as mãos e lhes empresta um pedacinho do dedo, um tipo de enlace de mãos, que as ajuda a sustentar de forma segura e confiante seu pequeno corpo, que agora anseia por desvendar o mundo, mas que gradativamente, também vai mostrando-se firme para continuar a caminhada cada vez mais sozinhas. Porque como diz Mia Couto:

[...] O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro.

(COUTO, 2007, p.05)

De fato, percorrer um caminho ao lado de crianças que estão crescendo, sugere que estamos caminhando para um futuro, que ainda não conhecemos, já que cada criança e cada grupo é único, mas seguimos para um futuro cheio de sonhos a serem concretizados. Assim como também, estar com crianças é falar do passado e muito fortemente do presente.

Do presente em um tempo que a história da criança está sendo escrita e cravando marcas por onde passa.

Ao recebermos um grupo de crianças novas no início de um ano letivo, a única certeza que temos é que nós, muito cedo nos tornaremos um grupo. Mas como isso se dará são as próprias crianças que irão nos contar. E só as ouviremos, se entendermos que todo caminho ao lado delas se faz andando lado a lado, para um destino que juntos almejamos descobrir, porque são as crianças que nos mostram o percurso no mapa da vida.

Também sabemos que há uma grande tarefa, uma data em que possivelmente tudo se encerrará e muitas ideias para acolher.

Conhecer as crianças é a primeira tarefa de todas, acolhê-las em seus medos e inseguranças. Estabelecer vínculos, estreitar laços, afetar-se (nos). Entender a singularidade em um espaço que agora é totalmente plural, formar um grupo, em um individual e singular percurso que se torna coletivo ao caminhar juntos.

E quantas perguntas e descobertas surgem nesta estrada:

Quem sou eu? Quem é ele?

Quem sou eu dentro deste grupo?

Que grupo é este, a qual agora pertença, e o que é que nos torna verdadeiramente um grupo?

Cada passo uma novidade, onde olhos brilham encantados pelo novo. E como tudo que causa encantamento, os deixa em um grande estado de contemplação, que como defini o próprio dicionário, *os faz fixar o olho no mundo e no outro. Causa-lhes encantamento e admiração, e o faz observar o mundo. Analisar e coletar atentamente as informações que surgem.*

Podemos dizer então, que neste caminho as crianças observam atentamente, coletam informações e admiram-se. Elas pesquisam com os olhos e todo seu corpo, potentes corpos, que nos revelam importantes saberes.

Nos contam sobre quem são, de onde vem e o que desejam de tudo aquilo que as circunda, porque os corpos, naturalmente estão inteiros na pesquisa.

É possível perceber as dimensões dessa jornada, em um convite para ser quem se é, na sua melhor forma de expressão – expressar-se.

Atrás desses pequenos pés, que calcam esse novo chão e fincam suas origens, seguimos nós, observando e acompanhando, para a cada dia fomentar o aprendizado e a certeza de que ser protagonista é possível.

E como então, reconhecer o que essas crianças falam durante a caminhada?

Como ler e ouvir em seus corpos, o que nos contam sobre seus desejos, suas intenções e ideias? E como é que nos contam tudo isso, quando há ainda, ausência de palavras?

Em uma das aulas que tive na pós-graduação – *A vez e a voz das crianças*, lembro-me fortemente de uma fala da Professora Luisa Lameirão, que me tocou profundamente, e me fez levar na maleta dos dias, como uma grande lição nas relações com as crianças, ela diz o seguinte “*A escuta envolve todos os sentidos*”.

Convivendo diariamente com crianças muito pequenas, descobri que há algo que elas nos contam sobre seu modo de desbravar o mundo, e o jeito de viver os dias, e muitas vezes, o fazem sem utilizar as palavras. Não há um discurso claro, evidenciado pela verbalização, mas há algo sendo dito, dito através de gestos, e das múltiplas linguagens que traduzem um universo de possibilidades e informações para quem está atento a ouvir.

São seus olhares que sorriem para nós ou se franzem, nos fazendo perguntas ou nos contando sobre suas hipóteses.

São as bocas que testam e treinam movimentos, para expressar aquilo tudo que o corpo inteiro sente. São suas posturas, que nos revelam a todo momento os caminhos que traçam para chegar a determinado ponto, e que vão narrando este lugar de pertencimento, e isto acontece em um tempo, que varia entre muito rápido, rápido e o todo tempo do mundo. Foi assim que o defini:

- ✓ **Muito rápido**, porque muitas são as possibilidades e intensa a curiosidade das crianças, em um novo ambiente que soa como um labirinto recheado de interesses e novidades.
- ✓ **Rápido**, porque aos poucos as crianças começam a se entreter com aquilo que vai lhe sendo mais convidativo, e o tempo vai aquietando o corpo, e lhe contando que tudo que ali está, estará para elas.
- ✓ **E todo tempo do mundo**, porque é chegado o tempo em que param para contemplar, momento em que as crianças, já mais apropriadas, passam a dedicar tempo as brincadeiras e investigações que lhes encantam, e com todo esmero e avidez, entregam-se a todo tempo do mundo da maneira mais sutil.

Como podemos ver, esses delicados e singelos diálogos se dão na ausência de palavras, através de seus corpos – pequenos corpos, recém-chegados e tão cheios de vontades e intenções, porque: “*A criança não tem um*

corpo, ela é um corpo. Corpo que enxerga com o tocar e escuta com o olhar. Corpo é natureza, que é vida, que é e quer viver". (autor desconhecido).

Corpos potentes, com saberes e sensações que nos inspiram a chegar mais próximos delas e ouvir atentamente com nossos olhos e todos os sentidos que pudermos, o que é que nos contam.

E como o ir e vir do vento, que ora passa leve como a brisa, ora forte como o furacão, elas nos convidam a prestar cada vez mais atenção ao que acontece em seu mundo. Olhar para fora, e olhar para dentro de tudo que está acontecendo.

Lembro de um pequeno trecho que li uma vez no livro *"Te mandei um passarinho - prosas e versos dos índios do Brasil*, citado por Nelson Xacriabá, que faz a seguinte afirmação sobre um corpo e suas potentes formas de comunicação:

"É importante saber que não é só a escrita em papel que é válida. Sabe por quê? Porque nosso povo já viveu muitos anos sem participar da escrita e diretamente comunicaram uns com os outros através da voz, dos gestos ou dos desenhos"

(XACRIABÁ, Nelson. 2007, P.07)

Ainda que esse trecho fale mais da escrita como forma de comunicação, do que propriamente da verbalização, naturalmente, nos ilustra como desde muito antes, as formas de se comunicar dos povos estão conectadas com o corpo, os gestos e as diferentes formas de expressão, que não apenas com as palavras, podemos entender como o corpo é potente em dialogar com o outro, revelando todo um saber que vem muito antes dos recentes estudos sobre a comunicação de bebês.

O recém-nascido humano apresenta, desde o nascimento, uma organização comportamental que evolui com a espécie, e que favorece seu contato emocional e sua comunicação com outros seres humanos. Ele participa ativamente dessas relações por meio de seu olhar, suas vocalizações, seus gestos e expressões, aos quais seu ambiente social responde e que, por intermédio dessas respostas, diferenciam-se em comportamentos culturalmente ajustados

(CARVALHO, PEDROSA E FERREIRA, 2012, p.30)

Olhares, gestos, expressões corporais e faciais, balbucios e pequenas palavras são as diferentes e mais interessantes maneiras das crianças que

ainda não verbalizam, se comunicarem, e dentro dessa enorme possibilidade de comunicação, elas falam tudo que sabem com os adultos e com seus pares.

Na ausência da palavra, percebi que o diálogo entre as crianças, as professoras e o espaço nascem de uma maneira muito generosa e totalmente compreensível, definida por (CASTELL, Apud. FOCHI,), como: *“Um diálogo que acontece pela presença”*. (2015, p.101)

Ele também diz que: *“No caso desse diálogo ocorrer entre os pares, a maneira como a criança vai encontrando formas de se referir a algo, em ambos os casos, demonstra que a intenção comunicativa antecede o uso da palavra”*. (FOCHI, 2015, P. 101)

Vale lembrar, que historicamente a ação corporal de crianças e bebês e as maneiras de se expressar, foram descartadas e tidas como irrelevantes, uma vez, que não se reconhecia a potencialidade do “SER” bebê.

As maneiras como se expressavam, ainda incompreendidas pela sociedade, a ausência de palavras em tenra idade, não lhes dava voz e autoria, desrespeitando-os no sentido mais amplo de *ser* humano. Elas não eram compreendidas e nem entendidas organicamente, e nem propriamente, seu espaço de busca, por um lugar novo de experiências.

Como vemos, foi preciso muito tempo, estudo, maturidade e delicadeza para compreender que choros, expressões, gestos e movimentos, são as formas mais intensas de as crianças falarem sobre si e sobre o mundo - sobre sua inteireza, ainda que não necessariamente verbalizem.

E só assim, foi possível entender e respeitar a potencialidade de um ser tão pequeno em tamanho, mas tão grandioso em seu ser.

Quando oferecemos tempo e espaço às crianças, permitimos que elas sejam o que quiserem ser. Que sejam elas mesmas, e é neste contexto, que podemos observá-las, vê-las florescer e dar voz as suas ações.

Em grande escala, ainda se acredita que o brincar livre, as aprendizagens, que ainda mediadas e pensadas pelo professor, se forem propostas de maneira livre, revelam que as crianças não estão fazendo nada. Parecem acreditar que viver com liberdade dentro do espaço escolar, é quase que uma perda de tempo. E esse, para mim, é o grande erro! Dentro dos

conteúdos propostos, deve haver vida pulsando, só assim veremos as crianças florescerem em sua verdadeira essência.

Guimarães Rosa disse que: *“Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo”* (O espelho. In: Primeiras estórias. 2016, p. 101).

Talvez o milagre do qual falava, fosse essa imensa possibilidade de escolha que há quando ninguém lhe pede para fazer. Esse milagre de estar integrado com algo só dela, em pleno direito à liberdade. Talvez, falasse mesmo de escolhas, decisões e inteireza - de ócio, tão importante ócio, para que a criança se conecte verdadeiramente com seu eu. Li certa vez, e não me lembro ao certo onde, que muitas coisas acontecem enquanto as crianças não fazem “NADA”. Muitas coisas acontecem dentro delas. E ainda que não se saiba ao certo o significado da palavra “nada”, há estudos que dizem que “NADA” vem do Latim NATA, “coisa nascida”, do verbo NAQUI - “nascer”. Ora, se a palavra “NADA” sugere algo como nascer ou nascido, entendo que quando alguém diz que a criança não está fazendo nada, ela está fazendo algo nascer, de dentro para fora - florescer. Um “*nada*” que nasceu ali, naquele instante, para algo muito maior – Ela.

E mesmo que a palavra tenha tomado um valor diferente ao longo dos tempos, serve de reflexão para pensarmos sobre esta conotação que comumente depositam nas crianças, já que é no nada, no vazio de não a conhecermos, que uma criança chega até nós, e essa chegada, sozinha e junta de outros, traz forma e preenchimento. Faz nascer um grupo, um espaço a ser ocupado.

Como diz FOQUI (2015): *“O espaço vazio é aquele em que é possível ser inaugurado o novo, a experiência ser iniciada, viver o inesperado travado pela possibilidade do encontro”*.

E foi em um espaço vazio, respeitosamente preenchido por 13 crianças de 13 a 24 meses, que recém-chegadas à escola, se entregaram a desbravar esse mundo novo, e nos permitiram contar sobre este importante caminho de escuta ao corpo e todos os seus sentidos.

De forma singular, estreitaram laços com as professoras, criaram vínculos e fortaleceram os dias com bastante afeto e confiança.

Caminharam! Fincaram os pés no chão. Pés pequenos, pés leves, pés que despertaram interesses e aprenderam a caminhar juntos. Pés, que nos levaram adiante.

Já prontos para viver tudo com total intensidade, entregaram-se ao espaço e revelaram interesse pelas primeiras brincadeiras, e bastou um olhar, um toque, uma aproximação, um sorriso, para que contagiasse de maneira delicada e cuidadosa, todos os outros.

1.2 A PESQUISA ESCRITA PELAS CRIANÇAS

O estudo que compõe esse trabalho de conclusão de curso foi realizado junto a crianças de 13 a 24 meses, em uma escola privada, localizada na região Sul da cidade de São Paulo.

A grande maioria dessas crianças tem suas moradias localizadas nos bairros vizinhos da região, e são naturais do Brasil, ainda nesta mesma cidade.

Em geral, são crianças de cor branca e de classe econômica social alta.

Este grupo iniciou sua vida escolar, na educação infantil, no ano de 2019 e chegaram à escola ainda sem utilizar ferramentas de comunicação verbal, expressando-se na maior parte do tempo através dos gestos, expressões e balbucios, onde facilmente se faziam entender.

Dentre as 13 crianças, 5 chegaram acompanhadas de seus irmãos mais velhos, que já são alunos da escola a pelo menos dois anos.

Um dos meninos, tem um irmão de nove anos, também já formado pela escola. Dois, dos 13 alunos, têm seus pais como ex alunos da escola. Devo ressaltar também, que 3 alunos desse grupo estudam na escola em período integral.

As observações aconteceram com grande frequência nos espaços do pátio, a céu aberto. Mas também, nas salas de aula onde muitas brincadeiras eram criadas e recriadas pelas pequenas crianças.

A sala de aula conta com uma porta de entrada e uma janela com portas de madeira que dão acesso ao pátio. (tipo porta balcão).

Por escolha nossa, esta porta de acesso ao pátio, fica aberta na maior parte do tempo, dando as crianças a possibilidade de estarem na sala e interagirem com

o espaço de fora no momento que optarem. Contamos com este espaço como uma extensão da sala de aula.

Ainda na sala, os móveis de madeiras como mesas e bancos, oferecem uma grande variedade e possibilidades de serem utilizados.

Ora são suportes para apoiar objetos e brinquedos, ora tornam-se os próprios materiais de criação das crianças - uma mesa pode transformar-se em barco facilmente pelas mãos sábias e criadoras das crianças.

No espaço do pátio, dois tanques de areia e chão de cimento fazem o ambiente ser bem convidativo. É um espaço bastante arborizado e com ampla visão para o céu.

Conta com uma cabana de madeira estruturada com escorregadores, rampas e escadas, localizada bem ao centro do pátio.

Os brinquedos dispostos são em geral de plástico, e estão em processo de transição. É possível encontrar materiais de madeira e objetos de largo alcance, como cilindros, pedaços de mangueiras, troncos de madeira, e caixotes.

Também é comum observar intervenções montadas e organizadas pelos educadores, como os tecidos pendurados na cabana e as redes de balanço. E ainda, que este pátio não seja tão grande, as crianças podem circular pelas varandas e pelo pátio maior, onde comumente estão as crianças dos grupos 3, 4 e 5.

Muitas vezes, estes espaços estão banhados pelo sol e por deliciosas sombras, que com grande generosidade, são ofertados pelos galhos grandes e pelas folhas das árvores. Quando chove, este espaço fica coberto por lonas para guardar os tanques de areia, e ficam um tanto restrito ao acesso.

As crianças costumam observar a chuva através da porta da sala, e em dias mais quentes, quando a chuva cessa, têm a opção de brincar nas poças de água e caminhar pelo espaço.

Minhas observações, nesses dias, eram muito interessantes. Os pássaros voltavam com grande intensidade e frequência para verificar seus ninhos, buscar comida e colher as palhas das cabanas.

Em volta da escola, há muitos prédios sendo construídos – levantados, e aos poucos estão encobrendo o sol e recriando uma grande sombra já não tão natural. (Sinto muito por isso).

É um espaço de grande circulação, uma vez que para se dirigir para outras partes da escola, muitas vezes os funcionários cortam caminho por este espaço.

Uma coisa interessante de contar, é que nesses espaços é possível acompanhar o contato mais direto que as crianças têm com os outros funcionários da escola, como as meninas, que com muito carinho cuidam da organização e limpeza da escola, e os meninos que cuidam e zelam pela parte da manutenção. Eles muitas vezes brincam, conversam e auxiliam as crianças quando necessário.

As crianças ficam neste espaço por volta de 30 a 40 minutos.

Ao saírem, outros grupos também se dirigem para este local. É neste momento, que muitas vezes, nosso grupo se reuni na sala de aula, para ter também, mais um instante de meditação – aquietação e silenciamento.

Está primeira observação que segue abaixo, dá início a um *caminho “caminhante”*, que de maneira singular, traz uma informação minuciosa sobre modos particulares de pesquisar e de se relacionar com o mundo.

Uma pesquisa que aos poucos, foi totalmente e encantadoramente, sendo erguida pelo grupo.

Este é o início de uma pesquisa que contagia – que se direciona ao encontro.

Victor viveu sua chegada a escola com certa tranquilidade, ainda que se despedir não fosse a tarefa mais fácil, ele aceitou cedo nossa companhia e com segurança nos permitiu acompanhá-lo nas novas manhãs que iniciavam em sua vida.

Fazia aproximadamente quatro semanas que ele estava na escola. Sempre sorrindo, nos convidava a adentrar seu mundo com gentileza e suavidade.

Posso dizer, com certeza, que tudo começou quando Victor encontrou um tecido longo pendurado na janela da sala. Pequeno pedaço de pano, prateado, com bolinhas espelhadas, coladas por toda sua dimensão. Uma boa

transparência possibilitava enxergar o que havia do outro lado do tecido: A porta de madeira da janela.

Logo Victor se interessou pela simplicidade do objeto e rapidamente tratou de dar valor àquele que escolheu como brinquedo.

Cobriu seu corpo com o tecido e por um instante silencioso, emanou ao ambiente, interesses de diversão.

A intenção de divertir o outro, foi sempre uma característica muito particular de Victor e ele logo iniciou uma brincadeira de esconder e encontrar.

Victor estava em seu mundo, em uma pesquisa que parecia só dele, mas em um espaço coletivo, não foi difícil contagiar os outros, e foi assim que Benicio e Felipe se acercaram para um despertar coletivo.

Benicio o observava de longe e com um olhar atento parecia pedir autorização para adentrar a brincadeira do colega. Seus olhos estavam fixados no tecido, como um caçador a espera de sua presa.

Um, dois, três, quatro, cinco segundos, e Benicio parece tomar coragem. Ele se aproxima vagarosamente. Com cuidado puxa o tecido e encontra Victor, que em silêncio, ainda prefere ficar escondido. Nenhuma palavra, mas muito entendimento. A cumplicidade no olhar dos meninos era um pedido, que falava através dos olhos, parecia pedir a Benicio que não o descobrisse, que deixasse a brincadeira continuar. E assim Benicio fez. Sorriu para o amigo por alguns outros segundos, soltou o tecido e se afastou.

Felipe que olhava de longe, com um certo olhar de devaneio, pareceu gostar da ideia de puxar o tecido - de ir ao encontro do outro. O que será que passava em sua cabeça naquele instante? Foi então, que se aproximou com certa rapidez.

Ao perceber o movimento ágil do colega, Victor rapidamente saiu de trás do tecido e nos presenteou com um largo sorriso, ofertado primeiramente a nós professoras e distribuído em seguida a todos os colegas.

A descoberta do amigo que estava escondido, também animou os demais que ali estavam inicialmente, apenas circulando entre tantas outras brincadeiras, mas não, tão distantes dos movimentos dos colegas.

Victor volta a sua investigação inicial, e parece convidar quem o olha de longe. Seus olhos são as setas do direcionamento, olha um, olha outro e outro.

Posiciona-se em frente de uma das crianças. Com uma postura reta e firme, se volta com agilidade para trás do tecido.

Aos poucos a brincadeira vai tomando outras formas, porque agora já não é mais só ele, outros protagonistas que outrora apenas observavam, agora também fazem parte da diversão.

O interesse estava posto e os olhos haviam se encontrado.

A presença do outro era notada. Corpos e olhares ligados, e agora, conectados na intenção da comunicação.

Passos curtos e lentos, olhares desconfiados de observação, e singelos sorrisos no canto da boca, também foram compartilhados naquele momento. Todos em busca dos movimentos por trás do tecido. E foi assim, que se deu o que nomeei de *ENCONTRO*.

Foi como se dissessem: *Entreí na brincadeira, te reconheci, te persegui, te encontrei e me descobri!*

Fotografia 2 – O encontro. de Victor, Benicio e Felipe



Fonte: Carla, 2019

A pesquisa sobre esconder foi ganhando força e muitos e novos elementos.

As crianças haviam se descoberto, e agora pareciam procurar o encoberto no novo chão por onde passavam.

Elas ansiavam cada vez por mais. Eram corpos como brinquedos, em busca de brinquedos que pudessem estar totalmente conectados com seus corpos.

Durante uma brincadeira com pequenos pratos de plásticos, confeccionados com um furo no meio, Luiza descobriu a possibilidade de esconder seu rosto, exceto um de seus olhos, que brincava com a distância em que nos encontrava. Por um bom tempo, ela ficou nos observando apenas pelo pequeno buraco e já que estava escondida, será que nós podíamos vê-la?

Fotografia 3 – O olhar de Luiza



Fonte: Carla, 2019

Seu corpo estava aconchegado no chão. Ela estava sentada com as pernas estendidas de maneira confortável. Suas mãos desenhavam a brincadeira, e o que mais parecia lhe encantar era a possibilidade que seus olhos lhe davam – um poderoso e diferente campo de visão havia sido descoberto por ela.

Foi assim sua brincadeira e pesquisa, até que nos revelou um lindo sorriso ao retirar da frente do seu rosto o pequeno objeto, como quem dizia: *Estou aqui!*

Cito esta observação como exemplo, porque aos poucos as crianças deixaram de esconder seus corpos atrás dos tecidos, e passaram a escolher outros objetos para encobrir pequenas e selecionadas partes dos seus corpos.

Buscavam por novas possibilidades. Esconder brinquedos em seus corpos e objetos dentro de objetos, como bolas dentro de latas de alumínio, ou colheres de pau embaixo de bacias de plástico, eram algumas delas, e foi assim que chegaram a muitas e interessantes descobertas.

Esconder e aparecer é uma brincadeira bastante apreciada pelas crianças pequenas, e sabemos que de forma concreta, os ajuda no entendimento do que se refere as coisas que somem e aparecem, assim, como no processo de separação de seus pais quando iniciam sua jornada escolar, e descobrem outras pessoas, que na transição de sua casa para a escola, estarão com ela nesta nova etapa de sua vida.

Pensando em um grupo, recém-chegado ao espaço escolar, após ter vivido um importante processo de adaptação, essa pesquisa parecia nos contar o quanto estavam elaborando esse momento de “*passagem do meio individual, familiar, para o meio coletivo, social, escolar*”. Definido deste jeito por (BUENO, 2018, p. 64).

E que forma mais bonita de nos contar suas histórias e seus começos, se não, através da brincadeira espontânea e da leveza de ser criança.

Presencialmente e intuitivamente, está foi a sensação que me abarcou depois de viver os dias, e revisitar todos os registros que havia feito durante àquele tempo.

Encantada com o caminho que percorríamos, escrevi um poema para presentear e fortalecer as crianças neste período tão importante e sensível de suas novas vidas, e o transcrevo aqui para compartilhá-lo neste momento.

Agora somos nós!
Porque chegou a nossa vez.
O tempo é de vivenciar o novo!
Construir muitos caminhos, fincar marcas no chão que pisamos e caminhar
cada vez mais juntos.
É tempo de olhar o outro e perceber-se em si.
Tempo de transição do que conhecemos, para o que iremos conhecer.
Aprender – apreender- o mundo!
Um tempo novo, cheio de possibilidades, descobertas e desafios.
Tempo de dar tchau aos que aqui nos deixam por hora, e dividir afetos aos que
nos recebem mais um dia.
Tempo de conhecer novos abraços, braços, colos e afagos.
Tempo de experimentar, repartir e compartilhar.
Agora, é um tempo novo para seguir, porque chegou a nossa vez de ir!
Carla Bruna Altafini Nastri

E foi a partir deste tempo, em uma brincadeira iniciada por um, e entrelaçada por tantos outros, que segui as pistas do que as crianças que ainda não verbalizavam, queriam contar.

Não havia palavras que explicasse seus pensamentos, então continuei a seguir os pequenos e novos passos – nas sutilezas de seus corpos e de todas as expressões.

“As ações, movimentos, gestos, sorrisos, e vocalizações das crianças oferecem pistas sobre os modos pelos quais elas vão se apropriando do espaço e integrando-o criativamente na construção da brincadeira. No fluxo das interações, esse espaço da sala se transforma em um recurso para uma ação coletiva”.

(Carvalho, Pedrosa e Ferreira, 2012, p. 69)

Ainda que eu observasse de perto os movimentos, a firmeza e o equilíbrio que vinham se fortalecendo em seus corpos, as estratégias dos pensamentos, a maneira como se relacionavam e se aproximavam uns dos outros, as ferramentas que utilizavam para resolver os conflitos e solucionar eventuais problemas, pesquisas que se mostravam tão importantes e tão

evidentes, sabia que elas me contavam muito mais do que as diferentes maneiras de se aprender, elas me contavam o que estavam aprendendo – aprendendo do/e dentro deste mundo.

De maneira singular, muitas eram as formas de pesquisar das crianças em momentos bastante especiais e particulares. Era uma diversidade de gestos e expressões que traduziam cada um, e todos ao mesmo tempo.

Diferentes e diversificadas eram as investigações, e a nós, cabia apenas estar com elas, estender-lhes as mãos, acatar os desejos e respeitadamente silenciar, porque o silêncio me ensinou que também é uma, senão, a melhor forma de intervenção, e para ouvir, muitas vezes é preciso se recolher e silenciar, porque:

“Silêncio tem gosto bom. Não basta o silêncio de fora. É preciso silêncio dentro. Ausência de pensamentos. E aí, quando se faz o silêncio dentro, a gente começa a ouvir coisas que não ouvia!...
A música acontece no silêncio. É preciso que todos os ruídos cessem. No silêncio, abrem-se as portas de um mundo encantado que mora em nós”.

(ALVES, Rubem)

Quando silenciemos o corpo e ativamos todos os sentidos, nos conectamos com o inesperado. Com a emoção que surge e nos atravessa. Não é só o físico que fala, são as sensações e a intuição.

É um caminho que acontece organicamente e não tem a ver só com a rotina dos dias, tem a ver com a própria vida! E foi sempre durante as brincadeiras no pátio, no tempo aberto, no espaço livre, na natureza, que acompanhei as mais interessantes maneiras de investigar das crianças. Foi assim, que vi o processo de conhecimento acontecer e a descoberta nascer, porque a brincadeira é pesquisa naturalmente.

Albert Einstein dizia que: “*Brincar é a maior forma de pesquisar!*”

No brincar encontramos ricos e diversificados jeitos da criança se comunicar, um idioma que faz parte de sua inteireza, é próprio dela, e são nessas ações que acompanhamos as descobertas, as pesquisas e os aprendizados, em uma vivência prazerosa e divertida, refletida no mundo que é todo da criança.

Na intenção de entender isso, é necessário reconhecer sua singularidade diante das múltiplas linguagens que possui.

Para isso, transcrevo aqui, algumas observações desses momentos tão singelos do brincar, onde a experiência não é planejada, ela está na criança e se dá no fazer.

É a pesquisa de todo um corpo!

CONSTRUINDO E ORGANIZANDO UM DEPÓSITO DE SENTIDOS

A sensibilidade de Gabriel se manifesta de maneira bastante especial. Um corpo tranquilo, sereno, que caminha de maneira vagarosa, e sempre à procura de um espaço calmo e distante dos movimentos mais intensos de seus colegas.

Foi em um espaço como esse, escolhido por ele, que descobriu a possibilidade de organizar pequenos pneus coloridos que encontrou embaixo de uma cabana de madeira.

Ele caminhava em direção aos objetos, e os escolhia com certa atenção. Ora pegava um de cada vez, ora esforçava-se, depositando toda força em seus braços para carregar dois - um em cada mão.

Gabriel os levava até o espaço escolhido e os organizava lado a lado. Primeiro o amarelo, depois o azul e em seguida o verde. Na sequência, continuou: vermelho, verde, amarelo e azul.

Em certo momento, Gabriel distanciou-se, fez uma pausa e ficou a admirar sua construção. Passado algum tempo, aproximou-se novamente, e então os modificou conforme as cores.

Gabriel parecia nos falar muito sobre o universo matemático. Falava-nos ainda sem dizer qualquer palavra, sobre suas estratégias e lógica ao organizar os brinquedos.

Mas só ele, inserido em seu mundo interior, sabia o que de fato estava investigando. E eu, estava ali, apenas a observá-lo.

No início, ele enfileirou um por um dos pneus, lado a lado, em seguida os mudou de lugar. Colocou os amarelos juntos, os verdes e os vermelhos. Separou um único azul e o colocou ao final.

Ele parecia construir um caminho com os pneus, que passados algumas semanas, descobrimos que serviam para guardar seus sapatos, quando os tirava no pátio, bem como, outros objetos de seu desejo, como os carros pequenos e as pás de areia. Eram talvez, seu futuro depósito de pertences, um lugar para guardar tudo que lhe cabia.

Quem sabe, um lugar para organizar o novo, e organizar-se de novo.



Fotografia 4 – G. e seus pneus.

Fonte: Carla, 2019

O FESTEJO DE LINA

Muitas vezes não esperamos ser tocados pelo outro com tamanha espontaneidade. A pequena Lina também não imaginava, mas foi na sua brincadeira espontânea, que tocou outras crianças e animou a todos com muita delicadeza.

Um sorriso no rosto, e estava feito o convite para estar junto, fazer presença, participar, viver o corpo em festa.

A escolha dela: *Um instrumento* - A pequena raquete de plástico, repleta de pequenos quadrados vazados, onde seus dedos encostavam com tanta

delicadeza, que parecia mesmo estar tocando as cordas de um pequeno violão bastante delicado.

Minha escolha: apoiar em uma viga de admiração, e contemplar com um sorriso de agradecimento aquele momento.

Ela, como sempre costumava, sorria com a leveza de quem tira os pés do chão. Animada, caminhava pelo pátio com seu olhar sereno e tocava suas bonitas melodias, brincadas por todos, com grande admiração.

Alegria contagiante, equilíbrio, fluidez e generosidade saíam como em notas musicais, compondo a melodia de um momento, onde ela podia ser quem quisesse ser, e quem já se é – ela mesma.

Pois é, Lina havia transformado o brinquedo, o espaço, as crianças - Pura mágica! Porque também, seu corpo naquele momento, era o melhor brinquedo, ela o brincava.

Logo Lina contagiou todos, com seu silêncio que ecoava tanta alegria e convidava seus colegas a seguirem animados, batendo palmas e dançando.

Era um grande festejo, que Luna não sabia, mas acabara de organizar.

Ao registrar esse momento e revelá-lo a ela, a pequena Lina sorriu, me abraçou e disse: *Que bonita a Lina cantando! Bigada!*



Fotografia 5 – Lina e o violão.

Fonte: Carla, 2019.

O CORPO PERCUSSÃO

E para Guido não foi diferente, ele também revelava bastante interesse pelo universo sonoro.

Não era à toa, que muitas vezes, pausava seu corpo quando escutava algum barulho diferente, levantava o dedo indicador e olhava atento para um ponto fixo, como quem aguçava a audição para descobrir de onde vinham os sons que escutava pelos diferentes espaços da escola. E descobrir os sons era mesmo algo que ele adorava.

Movimento, corpo, som, ritmo, foi com todos os sentidos entrelaçados, que ele descobriu os diferentes sons que podia produzir quando encostou uma tampa de alumínio em outra tampa.



Fotografia 6 – Guido e a percussão. Fonte: Carla, 2019

Um som diferente se fez, ele sabia, era só bater as tampas que isso acontecia.

As superfícies duras também pareciam agradar a Guido

A dureza do solo – do chão, da parede, e não distante, de seu corpo, era pesquisa constante. O contato do objeto na pele e em seus ossos, produzia diferentes vibrações em seu corpo, que ecoava sons de fora para dentro, e de dentro para fora.

Seu movimento convidava a entrar na dança de um ritmo que era só seu, um ritmo batedor, tocador, produzido e reproduzido por ele.

Um corpo inteiro vibrando a descoberta de duas pequenas tampas.

A DELICADEZA DE UM MENINO COM O CICLO DA VIDA

Para Romeu o fim parecia não existir.

Como podia o vento, não perceber o estrago que fazia ao ventar fortemente e derrubar as plantas da árvore, que fincada no tanque de areia, servia como abrigo nos dias mais quentes, oferecendo as crianças uma sombra invejável?

Ao perceber a queda, Romeu começou a devolver à árvore, as pequenas folhas que caíam lentamente na areia.

Ele agachava seu corpo com cuidado, como quem se recolhia em si e controlava seus pequenos dedos para segurar firmemente a plantinha. Próximo a ele não havia nenhuma criança. Aquele tanque de areia era somente dele, e ele vivia com encantamento aquele tempo na natureza.

Romeu levantou-se, direcionou sua cabeça para cima, esticou todo seu corpo com vontade, e ficou nas pontas dos pés. Esforçou-se para olhar para o alto, já que seus olhos recebiam grande luminosidade do céu.

Ele estava ali, e parecia travar um embate com a natureza, em prol da própria natureza.

Estendeu sua mão para cima e disse com a fisionomia séria: *Tó, péga! Plantinha! (plantinha)* Repetiu essas palavras algumas vezes, mas da árvore ecoava apenas um silêncio.

Cada planta que caía, ele fazia o mesmo movimento. Abaixava como quem recolhe o corpo, segurava com firmeza a planta e voltava-se para fora, levando a planta o mais alto que conseguia. Mas o vento era teimoso e exercia seu papel muito bem, soprava forte e mais uma vez, derrubava as plantas.

E se o vento é teimoso, Romeu é persistente. Pareciam dançar de maneira cíclica, Romeu, o vento e o tempo. O vento soprava, a planta caía e ele a segurava e direcionava à árvore.

Talvez ele estivesse pesquisando sobre os ciclos - inícios e fins.

Talvez testasse a possibilidade de seu corpo em se recolher e ascender.

Crescer, fazer-se grande e voltar a infante.

Talvez falasse mesmo, de um corpo persistente, ou quem sabe um pouco de tudo.

Para nós, foi um grande instante de contemplação.



Fotografia 7 – Romeu e o ciclo da vida.

Fonte: Carla, 2019

UM MERGULHO PROFUNDO

O corpo de Joaquim também era grande experimentador, navegador de outras bandas.

Tato, audição, visão, degustação, todos os sentidos juntos na descoberta do que havia dentro de um pequeno pote, que inicialmente era tão frio e vermelho por fora.

Ele não se ateve, e mergulhou suas mãos dentro do recipiente de guache.

Fotografia 8 – Joaquim e a tinta



Fonte: Carla, 2019.

Em seus olhos foi possível observar o encantamento e a estranheza daquelas mãos tão coloridas. Ele as mergulhava, recolhia para si e observava. Logo começou a passar em seus braços, entrelaçando uma mão na outra, e deslizando com certa leveza e facilidade. Seus olhos fixados com interesse, pareciam perguntar: *O que tem nesse líquido que tanto encanta? Será a cor forte, a textura e as sensações?*

Quantos sentimentos o atravessaram em tão pouco tempo.

O que será que era aquilo? Tão forte, tão vivo, tão nele.

Pois é! Estava lá, vermelho vivo diante dos seus olhos. Já não era mais frio como inicialmente, agora estava quente e vibrante no contato de suas mãos. Um tom que chamou Joaquim e aqueceu sua investigação. O tocou de tal maneira e o encantou.

DO ABRAÇO DESAJEITADO – UM CONVITE AO ENCONTRO

A pequena Alice e seu colega Pedro descobriram no balanço dos corpos, no desajeito e desequilíbrio de um empurrão, a generosidade da desculpa.

Ela caminhava pela sala, ninando a pequena boneca que carregava em seus braços, quando Pedro passou correndo e a derrubou no chão com grande força.

Sempre muito delicada, Alice revela grande cautela em seus movimentos, e certa atenção, com a aproximação que seus colegas fazem, quando querem estar perto dela.

Neste dia, ainda caída no chão, Alice ficou parada, fixou os olhos no colega e ao ver que ele continuava parado à sua frente, levantou-se e lhe deu um abraço e um beijo no rosto. Parecia dizer que o desculpava por tamanho feito, e ainda, sem ouvir qualquer palavra que fosse, seu olhar era acolhedor, e compreensível.



Pedro parecia não entender o que aconteceu, já que não havia feito nada propositalmente. No entanto, ao ficar parado à frente de sua colega, mostrava ali, perceber que havia causado um mal-estar. Talvez, por ter sido acolhido com tamanha generosidade, ficou um tanto sem reação.

Podemos dizer que desse encontro atrapalhado, nasceu o abraço acalentador, que tantas outras vezes Pedro procurou para sentir-se acolhido, curado, acalentado, como no dia, que estava irritado e com sono, e procurava um local para deitar-se. Foi no mesmo colo que encontrou abrigo.

Fotografia 9 – Alice e Pedro e a delicadeza do encontro



As descrições dessas breves observações das crianças, seguem uma ordem escolhida propositalmente por mim.

Finalizei com a história de Alice e Pedro, para dizer que este primeiro momento de aproximação das crianças, as primeiras pesquisas sugeridas por

elas, me levaram a entender que elas, me falavam de um momento de apropriação de um novo ambiente. De um lugar de pertencimento, de construção e zelo pelo vínculo. Pelo que agora também era delas.

Um conhecimento de si e dos que agora compartilham seus dias, e dividem afetos, brinquedos, adultos, tempo e espaço.

As crianças seguiam crescendo, descobrindo e reconhecendo como delas o espaço e os novos pares.

Era chegado o momento de se conhecerem, em um encontro repleto de anseios e bravura, muito bem explicado por Paulo Fochi da seguinte maneira:

[...] desde que nasce, o ser humano é curioso para “alcançar” o outro: seja um ser humano, seja a si mesmo, seja outra coisa.

A curiosidade por este outro impulsiona o bebê a descobrir seu entorno. O alcançar a que me refiro abrange uma tessitura de ações que esses autores expõem termos distintos, mas que, de alguma forma, envolvem a dimensão humana de tocar, olhar, experimentar, conectar, provar, comunicar, conversar, aproximar, interagir e estar com o outro[...] (2015, p. 98)

Voltando a descrição da pesquisa inicial, de Victor, e comparando com as pesquisas individuais, foi possível perceber que no primeiro momento as crianças se viram, se aproximaram, se perceberam e começaram a se conhecer.

Aos poucos, observamos que os encontros passaram a ser mais frequentes. A interação deixou de ser só com o espaço e passou a ser um convite para o outro.

Estava acontecendo a transição do singular para o plural, e ainda que cada uma fosse única em seu ser, *já não era só ela – agora, eram elas.*

Estavam construindo o “nós”!

Desses encontros, iniciou-se uma pesquisa chamada por nós de: *Esconder e encontrar – uma pesquisa sobre descobrir e descobrir-se!* E ainda, que tenhamos escolhido um nome para seguir esta investigação, a autoria se deu totalmente, e exclusivamente pela ação das crianças.

“Embora a mediação social seja usualmente feita pelo adulto, à medida que a criança vai adquirindo meios de ação a mediação pode ser feita também por outras crianças, como se observa muitas vezes em episódios de brincadeiras”.

(FOCHI, 2015, p.74)

Caminhando junto com elas, observei que os sons dos diferentes espaços da escola, também passaram a ser percebidos pelas crianças.

Aviões passeavam pelo céu e chamavam a atenção. Passarinhos cantavam, e aguçavam o ouvido das crianças.

As portas de alumínio dos hidrantes, os bancos e as mesas de madeira, tornaram-se tambores de diferentes sons. A cortina de miçangas do atelier, produzia um som divertido. As paredes de azulejo e tijolos, também ecoavam sons diferentes, quando em contato com outros objetos experimentados pelas crianças.

Pareciam testar esses ambientes, para reconhecer como delas. Estavam, cada vez mais apropriados do lugar onde seus pés pisavam. Experimentavam os diferentes sons, na construção de suas próprias linguagens.

De maneira gradativa, nos mostravam que já sabiam se dirigir para onde queriam e desejavam. Conheciam os espaços e os trajetos para encontrar a ajuda que necessitavam, a segurança do abraço do irmão, ou o contato com outros amigos e professores, localizados em diferentes salas e espaços.

Estavam mesmo acolhidas, adaptadas e confiantes do lugar que era delas.

Já se despediam de seus pais com tranquilidade e segurança, e nos encontravam com grandes sorrisos e carinhosos abraços no portão da escola.

E, como todo caminho longo, foi necessária uma parada, e uma breve despedida. Era chegado o momento das férias, pausa importante para as crianças e professores.

Mas não demorou muito, elas retornaram saudosas dos colegas, das brincadeiras e dos educadores.

Algumas crianças voltaram falando bastante palavras, e outras se arriscavam até a nos contar as novidades em extensas e breves frases.

Com certeza nossa comunicação estava fortalecida, estabelecida, e ainda que preferissem não dizer nada, compreendíamos tudo que seus corpos expressavam.

Mas mesmo com as frases mais extensas, ou as poucas palavras, entendi, que como disse Rubem Alves, *“no silêncio morava a canção – a canção que faz os corpos dançarem e se revelarem”*.

Observar o olhar delas, os abraços nos colegas, o que apontavam, o que seguiam, o que tocavam, me fez entender o jeito como estavam construindo seus caminhos e desfrutando dos dias com tanta generosidade e intensidade – como estavam vivendo os dias ali na escola. Porque as crianças estão sempre abertas a viver a vida, o novo. A descobrir, a cair e levantar, e sempre seguir em frente.

E mais uma vez, neste segundo semestre, entendi que se tratava de caminhos que falávamos. Mas desta vez não era de um caminho que começava, e sim, de um caminho que continuava, no presente - no agora!

Um rio que seguia seu fluxo, e eu como barco das crianças, acompanhava suas remadas, ofertando-lhes todo suporte necessário para que chegassem em seus destinos.

Não eram só elas, éramos nós - estávamos juntos.

A pesquisa continuava, e ainda que os tecidos continuassem ali, na sala, a disposição das crianças, os instrumentos de pesquisas haviam mudado.

Elas iniciaram esse novo caminho empilhando brinquedos, como pneus, blocos de madeira, espumas de diferentes formas e tamanhos, caixas de papelão e até mesmo, algumas bolas, que utilizavam, testando a possibilidade de equilibrá-las uma em cima da outra.

Colocar um a um, em cima do outro, equilibrar, manter firme, não deixar cair, ou até deixar, essas eram as tentativas que as crianças faziam com grande destreza.

A brincadeira possibilitava uma grande investigação. Equilibrá-los, levar os brinquedos ao alto, fazer subi-los, até tocar o teto. Também os divertia quando iam ao chão. Para elas, era interessante ver os objetos subindo e descendo, como um começar, terminar e recomeçar.



Nesta brincadeira de subir e chegar ao alto, uma das crianças esticou seu braço com bastante força para cima, apontou para o céu e disse: *Pipiu!* Todos seguiram o movimento de seu dedo, inclinaram a cabeça e buscaram pela mesma imagem que a do colega. No entanto, estávamos em uma varanda com telhado, o céu não era visto pelas crianças, mas imageticamente, apreciado com bastante interesse por elas, que seguiam na investigação de

empilhar. Mas agora, eram os corpos que tentavam subir nos brinquedos e nas caixas, manter-se em equilíbrio, tocar o céu e chegar ao alto.

Depois de um tempo, a brincadeira foi encerrada pelas próprias crianças, que abriram o pequeno portão que divide os espaços e correram para a sala de aula.

Apesar da minha frustração em ver tanta coisa potente sair pelo portão, naquele momento entendi que a pesquisa havia sido encerrada, e apenas respeitei.

No dia seguinte, enquanto brincavam de rodar no gira gira, as crianças ali sentadas, se encontraram no olhar e trocaram grandes sorrisos.

Com certa admiração, Romeu, o mesmo menino do dia anterior, esticou seu braço com força e apontou o dedo indicador para o céu. O colega que estava à sua frente, levou o olhar para a mesma direção, e rapidamente, o convite se estendeu as outras duas crianças que também estavam sentadas no brinquedo.

Lá no alto, uma imensidão de azul e um ponto preto percorria o céu de um lado para o outro, batendo asas e fluindo vida. Dessa vez, elas realmente haviam encontrado o “*Pipiu*”!

O encontro foi vibrante e os envolveu em uma deliciosa risada e um ar de satisfação por tamanha descoberta.



Fotografia 10 – O voo pássaro e o céu azul Fonte: Carla, 2019

Procurar pelos pássaros, seguir seus voos e observá-los se tornou um novo interesse do grupo.

Grande era o entusiasmo quando as crianças os encontravam caminhando pelo chão de areia, ou pegando palha no teto da cabana para construir seus ninhos.

Apreciar os passarinhos foi disparador para compreender o que elas estavam me dizendo, e a mim, coube o papel de ofertar cada vez mais momentos para que construíssem o caminho pelo qual já estavam seguindo.

Confesso que muitas vezes, me peguei pensando em quais materiais pedagógicos oferecer, para fomentar àqueles momentos em que as crianças dirigiam seus olhares para o céu. Fui entender, que o grande desejo delas estava em contemplar a natureza, e como em todo estado de contemplação, elas estavam analisando e aprendendo sobre o mundo, e de fato não haviam elementos físicos que lhes enriquecesse tais momentos, como o próprio corpo em estado de contemplação – o próprio olhar como objeto para estudar.

Da pesquisa que consistia em *empilhar brinquedos, levar ao alto, muito alto. Esticar o corpo, as mãos e subir*, descobri as crianças no *CRESCER, IR PARA FORA, ASCENDER e ALÇAR VOOS!*

Durante nossas idas para área externa, muitas vezes elas caminhavam seguindo o som dos pássaros ou acompanhando seu voo, foi em uma dessas contemplações, que as crianças encontraram na horta do pátio grande, uma pequena casa de madeira, onde muitos pássaros, outrora foram alimentados. Elas olhavam para cima e para o chão de terra, onde encontraram muitas verduras plantadas, neste instante umas das crianças nos perguntou: *“mimida do pipiu? Cadê?”*

Entendi que me perguntavam sobre a alimentação dos pássaros, e para fomentar a investigação, lancei uma pergunta de volta: *Cadê a comida do passarinho? O que será que os pássaros comem?* O silêncio se fez presente, então propus às crianças: *Vamos descobrir?*

A ideia era pensar em uma proposta que pudesse enriquecer a investigação, e trazê-la em um outro momento. No entanto, a natureza de tudo foi mais rápida.

Era nosso horário de pátio, então seguimos para nosso outro espaço. Algumas crianças escolheram novamente o gira gira para brincar, enquanto outras subiram pelas escadas e rampas da cabana.

Enquanto giravam e se movimentavam pelo pátio, a resposta da pergunta acima, surgiu com tanta beleza e naturalidade na ameixeira do pátio, que nos encantou pela gentileza, e pela entendida permissão que nos davam, ao deixar que os estudássemos.

Nos galhos fortes dessa árvore, pousou uma sábia laranjeira, e de frente para nós, estava ela bicando a fruta.

Com delicadeza, uma das crianças trouxe à tona:

- *Ó pipiu!*

- O que ele está fazendo? (perguntei)

- *Memendo futa!*

Logo percebi uma comunicação bastante conectada entre nós e a natureza.

Havia um diálogo acontecendo entre nós, as crianças, os pequenos voadores e o espaço, que como um educador e mediador, também nos foi generoso, presenteando com uma linda árvore cheia de frutas, convidativa a muitos seres vivos.

Assim como a natureza, também deixamos as sensações falarem, e como tudo na natureza é um convite, logo as crianças mostraram-se orgulhosas pela potência de estarem presentes e protagonizarem aquele momento. Revelavam toda sua expressão, em um lindo estado de contemplação. O que sentimos estava em jogo, e esse sentir revelava muito do que somos, de quem eram esses pequenos e o que queriam dizer.

A alegria das crianças, a tensão em observar o passarinho, a euforia em receber a resposta tão rapidamente, e a tristeza ao vê-los bater asas e voar. Quantas sensações os corpos sentiram e experimentaram, em tão pouco tempo, não foi à toa que correram para verificar se o pássaro havia mesmo voado. E embora ele não estivesse mais lá, foi fácil reconhecer que elas queriam vivenciar tudo aquilo novamente.

Entendi que é muito importante reconhecermos as sensações que nos atravessam, quando observamos os movimentos das crianças. A partir delas, construímos nosso jeito de olhá-las e nos atentarmos ao que falam. Essas

sensações nos possibilitam um encontro com nosso próprio ser e um encontro com os outros.

Seguimos na investigação dos pequenos voadores, pelo céu de nossa escola, e tudo estava tão interessante, que não era preciso nomear, nem significar, apenas sentir. Então lembrei, e não pude deixar de presentear as crianças, com as lindas e delicadas palavras de um poeta tão cheio de natureza em sua fala:

“Eu queria fazer parte das árvores como os pássaros fazem.
Eu queria fazer parte do orvalho como as pedras fazem.
Eu só não queria significar, porque significar limita a imaginação, e com pouca imaginação eu não poderia fazer parte de uma árvore, como os pássaros fazem” [...]

(BARROS, Manoel. 2014, p.97)

Elas estavam ali, como parte de toda aquela natureza. Eram passarinhos em busca de seus céus. Não era preciso significar nada, estava tudo repleto de significados e contornos que elas mesmas estavam se dando.

Refletindo sobre a pesquisa iniciada pelas crianças, entendi, que elas me contavam sobre o quanto estavam crescendo.

Parecia que investigavam o que é ser grande, fazer-se grande. Ficar de pé, ser alto, tocar o céu e ir além.

Vale lembrar, que ainda muito pequenas, chegaram à escola no início do ano letivo, com seu andar inseguro, testando a força de seus pés e desafiando-se a calcar marcas no novo chão por onde pisavam.

Quantas vezes caíram? Quantas vezes se levantaram?

Caminhavam como plumas, com leveza e cautela, e agora estavam tão fortes e firmes, percorrendo um longo semestre na descoberta de si e do outro.

Retornaram ainda mais fortes, mais seguras e confiantes, e o espaço agora era bastante conhecido por elas. O chão outrora tão duro, agora amparava a firmeza que já tinham seus pés - seu caminhar.

A postura de seus corpos também foi mudando. Começaram a revelar mais rigidez, mais força e a ficar cada vez mais de pé.

E como pássaros prestes a voar, testavam o flutuar, ascender, correr.

Sentiam o vento atravessar seus corpos, proporcionando divertidas e diferentes sensações.

Experimentavam os novos e interessantes jeitos de ver o mundo, que se abriam junto com esta nova forma que seus corpos encontraram para ocupar o espaço. Elas agora estavam vendo tudo de diferentes maneiras, e ansiavam por desvendar cada vez mais o mundo que os cerca.

Contemplar o azul e a calmaria do céu, nos levou a muitas observações onde o silêncio era quebrado apenas por um sorriso surpreso ou pelo encontro com aquele que tanto nos inspirou – os passarinhos, que fomentaram o interesse das crianças, embelezando a paisagem e harmonizando o espaço com seu canto. Os pássaros eram como bússolas, que me levavam a entender cada vez mais os movimentos daquele grupo - daqueles corpos.

Percebi que a pesquisa das crianças me contava sobre muitas e muitas coisas.

Elas queriam descobrir os voos e asas, o soprar e o ventar. Era como se falassem de algo de dentro para fora. Do recolher e alastrar, inspirar e expirar, pôr para dentro e levar para fora.

Muitas perguntas surgiam em suas ações: *Para onde seguiam os pássaros, quando batiam suas asas? Como haviam deixado suas marcas no chão de areia? Como conseguiam subir tão alto?*

As perguntas eram respondidas a cada dia e de diferentes maneiras, muitas vezes, como um presente trazido pela própria natureza.

Em nossa sala de aula, algumas imagens compunham um painel organizado na parede, e aguçavam ainda mais o interesse das crianças.

Certo dia, uma das meninas, empurrou um banco até a parede, subiu nele e brincou de bater asas. Ela parecia imitar e testar o voo de um pássaro, o abrir e fechar, recolher e alastrar. Parecia testar, sua possibilidade de ir além.

Organizei então, uma proposta com rampas, para que as crianças testassem essa possibilidade de subir, e mais uma vez fui surpreendida com o que tantos gestos e movimentos me falavam através de seus corpos.

Dos materiais oferecidos, como pequenos pedaços de madeira e E.V.A's, as crianças passaram a construir caminhos. Caminhos que subiam,

desciam e faziam curvas. Os materiais eram sempre organizados de maneira a estarem muito juntos, encostadinhos uns nos outros.

As crianças se desafiavam a testar diferentes maneiras de caminhar sobre os suportes. Abrir os braços para manter o equilíbrio, dar pequenos saltos quando chegavam ao fim do percurso, e encontrar-se no caminho com o outro que fazia o trajeto inverso. Quantos sorrisos, quanta diversão foi possível ver florescer nessa travessia que era só delas.

Fotografia 11 – O caminho deles





Fonte: Carla, 2019

Surpresa e emocionada com todos os gestos que as crianças faziam, fui pesquisar os diferentes movimentos que os pássaros fazem, principalmente quando estão juntos.

Devo ressaltar, que assim como mediador e encantador das pesquisas das crianças, o professor também é um pesquisador.

Ele também pode e deve, se assim sentir necessidade, pesquisar a investigação das crianças, as perguntas, hipóteses e inquietações sugeridas por elas, pelo espaço e pelas sensações que brotam.

Foi desta forma, que descobri que assim como os pássaros e as aves em bando, nossos pequenos alunos traçavam rotas e migravam em conjunto. Isso porque, assim como esses voadores, em grupo as crianças também se sentiam mais protegidas, e traçavam movimentos estratégicos de forma que nenhum amigo saísse da vista do outro. E neste caso, do caminho que se constrói junto!

Porque elas ainda estavam na construção e fortalecimento do grupo que eram e que hoje, ainda são.

E foi assim, durante minhas observações, que como diz Manoel de Barros, *“Deixei uma ave me amanhecer”*, uma não, 13 pequenas aves, que alçaram voo e seguiram para desvendar, com cada vez mais vontade e confiança, o mundo que os cerca.

As crianças percorrem suas estradas e deixam suas marcas por onde passam. Todo espaço habitado está repleto de histórias de quem por ali passou e as deixou, todo espaço conta história do que outrora foi.

“A história vem de um tempo longo, médio, recente. De ontem, hoje, amanhã.
 História é passado, história é presente.
 A história é como o mundo, porque não tem fim. É um CAMINHO longo.
 Enquanto o tempo vai passando, mais histórias vamos construindo.
 História é passado, história é presente.
 A história não é só do ser humano. Também é dos encantados, dos animais, da floresta, dos rios e dos legumes. História está em todo lugar do mundo”.

(KAXINAWÀ, Adalberto Marú e KAXINAWÀ, Joaquim Mana 2007, P.18)

Esta foi a história que um grupo de pequenas crianças construíram juntas ao longo de aproximadamente um ano, e nos contaram potentemente, através de seus corpos, seus gestos, suas coleções de olhares, e todas as possíveis formas de se comunicarem com o mundo.

Crianças que chegaram ainda muito pequenas a um espaço totalmente desconhecido, se permitiram e nos permitiram adentrar seus mundos. Confiaram na caminhada, se entregaram ao novo e chegaram juntos ao final de um percurso que seguiu rumo a um novo recomeço - o ano seguinte.

Elas nos permitiram refletir sobre o quanto nos contavam de si, do outro e do mundo, na ausência da palavra, apenas pela leveza de serem crianças e estarem prontas para viver a infância.

A potência de um corpo que é autor e protagonista de suas histórias.

Como são capazes de traçar rotas e escreverem no livro da vida seus próprios caminhos, os quais se permitidos, escolhem com propriedade como trilhar. Porque ainda é necessário e importante entender, que é na liberdade do tempo, da brincadeira e do ir e vir livre, mas não menos zelado, das crianças, que se está verdadeiramente valorizando e respeitando sua potencialidade e seu direito à infância.

Para finalizar, quero terminar com uma história que surgiu bem no final do ano letivo, e deu início a mais uma investigação, e dessa vez ainda mais profunda.

Quantos mistérios estavam elas, a desvendar na natureza e no mundo que as cerca - no mundo de dentro e no mundo de fora.

Aonde há luz, uma sombra alcança...

Enraizadas no chão, estavam elas lá, a se olhar, a se mover e a se desafiar.

Quem será, o que é, o que há?

Talvez mais um encontro inusitado?

Sorte ou acaso?



Fotografia 12 – Um novo encontro

Fonte: Carla, 2019

Está história começou e se encerrou logo, seguiu com o tempo que foi – com o tempo que estávamos juntos. Mesmo passando ao novo professor do ano seguinte, o interesse nascido naquele momento, entendi que àquela, ainda era uma pesquisa de grupo – do nosso grupo.



Fotografia 13 – O grupo.

Fonte: Carla, 2019

*Aos meus passarinhos, desejo sempre, grandes voos, bons pousos e
uma linda ascensão*

3. APRENDIZADOS E REFLEXÕES SOBRE O PRESENTE

O final de um ciclo é sempre o começo de outro – um recomeço quem sabe.

No caminhar não é diferente, ao longo da trajetória esbarramos com muitos encontros e desencontros, com muitos começos, muitos fins e grandes recomeços, e certamente seguimos em direção a vida que naturalmente flui em nós.

Foi assim que me vi ao final desta pesquisa, na ânsia de responder a uma pergunta, tantas outras surgiram no caminho, e um processo contínuo de investigação se faz necessário em mim.

Ao me debruçar sobre a questão do protagonismo de crianças que ainda não se expressam verbalmente, passei a silenciar mais meu corpo no intuito de ouvir o delas.

Gestos, expressões, movimentos surgiram como raios de luz, e me contaram sobre tantos aprendizados que estavam acontecendo e que claro, foram alavancas para que surgisse o interesse em me aprofundar ainda mais, e escutar além e com todos os sentidos aguçados.

Não faltaram sensações, desejos e intuição. Fortes mesmo, foram as emoções em constatar como tudo é possível quando se há interesse e possibilidade em escutar.

Ao estabelecer conexões entre as pesquisas individuais, e as pesquisas de um grupo de crianças, conseguimos observar que elas são capazes de fazer escolhas sobre o que querem aprender e apreender do mundo.

Também foi possível perceber que as crianças por si só, são capazes de construir um caminho de investigação com começo e meio, juntas e separadamente.

Os registros revelam muito sobre essas escolhas que nascem de maneira singular e se tornam coletivas ao caminharmos juntos. Através desses registros, podemos observar gestos, movimentos, expressões, que nos contam muito, ainda que na ausência de palavras e de legendas.

Viver fisicamente tudo isso, me levou a reconhecer que nós, enquanto mediadores de tantos saberes, podemos nos adaptar face a complexidade do real e das tantas demandas diárias com as quais nos relacionamos.

É necessário destacar que ao caminharmos lado a lado com os currículos estabelecidos, estes podem ser adaptados através do olhar atento do professor, seguindo as orientações e criando possibilidades para que as crianças sejam protagonistas e norteadoras de seus aprendizados, como no caso das pesquisas evidenciadas coletivamente neste trabalho, que foram erguidas pelas crianças ao longo do processo, e deram nome a um projeto de ciências desenvolvido na escola, como parte do trabalho de conteúdos exigidos, mas para além disso, foram naturalmente evidenciados pelo interesse dos próprios alunos.

Neste caso, as crianças foram protagonistas de suas ações na liberdade de ser.

Este estudo também permitiu destacar a importância de se escutar as crianças nas entre linhas. Entender o que seus corpos nos contam através de gestos, movimentos e nas mais diversas formas de expressar-se.

Foi possível entender que para além dos aprendizados tão importantes e evidentes em seus corpos, como as maneiras de se movimentar, de se relacionar com o outro, de resolver conflitos, de descobrir as cores, os números, contar, seriar, selecionar, e dentre tantos outros ricos e necessários aprendizados, é certo que as crianças nos contam muito mais sobre suas experiências e expectativas, que fazem delas seres únicos na construção do que são e serão ao longo de suas vidas.

Rubem Alves defini muito bem esses conhecimentos, como educação das habilidades e educação das sensibilidades:

“A educação se divide em duas partes: Educação das Habilidades e Educação das Sensibilidades. Sem a Educação das Sensibilidades, todas as habilidades são tolas e sem sentido. Os conhecimentos nos dão meios para viver. A sabedoria nos dá razões para viver”.

ALVES, Rubem, 2015.

Olhar as crianças a partir de seus gestos e expressões, pode ser um novo caminho para pensar, repensar e trabalhar com projetos pedagógicos para educação de crianças muito pequenas, e ainda assim, garantir seu protagonismo, dando sentido ao que de fato precisam, e aprendem.

Neste caso, as ações das crianças foram fundamentais para que se entendesse seus caminhos de pesquisas e investigações, e estas ações, também podem contribuir para a relação do professor com as crianças, e na forma como estes, podem adaptar-se, proporcionando ao aluno um protagonismo, ainda que seja necessário caminhar sobre currículos e conteúdos pré exigidos.

Devo ressaltar que ao longo da pesquisa, ao escutar alguns profissionais da área e ler sobre assunto, foi notável reconhecer que o desconhecimento da potência que os bebês tem em seu corpo, é algo bastante enraizado na sociedade e a leitura das suas múltiplas linguagens é pouco dominada por muitos educadores, portanto, este trabalho também surge como uma possibilidade de contribuir na formação de profissionais da área, levando-os a pensar e repensar práticas pedagógicas em uma pedagogia para a vida, à partir da escuta sensível.

Ao escrever sobre isto neste momento, uma pergunta me atravessou de maneira profunda, como que um pensamento inspirado, e me fez pensar nas crianças de um modo geral, e não apenas nas muito pequenas que ainda não verbalizam.

Chegou de maneira tão intensa que não pude deixar de registrar aqui:

Como, e o quanto as crianças mais velhas que já verbalizam e falam bastante sobre suas ideias e hipóteses, são escutadas para além das palavras? Será que elas também nos contam algo nas entre linhas de suas frases?

Tenho certeza, que em suas falas elas nos trazem muitas riquezas. Tesouros grandiosos de seu eu interior. Mas, e quando estão brincando no recolhimento de seu ser, o que podem estar nos contando sobre suas maneiras de investigar e descobrir o mundo, sobre seus medos e anseios, também através de seus corpos?

Um olhar diferente, o estufar de um peito, uma nova postura, um suspiro, timidez, ansiedade, e pronto! - Um corpo inteiro faz o papel das palavras.

E o quanto estes gestos são apreciados, compreendidos e escutados pelos educadores, e por quem cuida dessas crianças?

Com certeza, muitas perguntas surgem em relação a este tema e a preocupação de pensar e falar sobre isso se faz cada vez mais necessária.

Por isso, uma problematização importante que surgiu junto com a pesquisa, foi sobre o tempo e o espaço que se é disponibilizado para discutir a importância, e seriedade dessas ações e gestos, dentro das escolas, já que no cotidiano docente a carência desses temas diante das demandas que muitas vezes surgem, não asseguram estes momentos de conversas que se fazem tão necessários.

Daí nasce uma grande reflexão: Nós enquanto professores, se munidos de bons argumentos e evidências de muitas aprendizagens, somos capazes de flexibilizar os conteúdos e prolar das crianças, e revelar ao mundo como é possível dar tempo e espaço a elas, e ainda assim, ver muitos aprendizados surgirem, mais do que se fossemos programar tudo à luz do que esperamos que aprendam.

São as crianças que vão nos contar, se estivermos atentos a ouvir, sem medo de errar.

Com certeza, saio dessa pesquisa me convidando a procurar muitos caminhos e novos jeitos de escutar cada vez mais as crianças, em todas as suas múltiplas formas de se expressar.

“As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos. Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem... O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido. Quando a gente abre os olhos, abrem-se as janelas do corpo e o mundo aparece refletido dentro da gente”.

ALVES, Rubem, 2015

E ainda que esteja nas considerações finais da minha pesquisa de campo, não posso deixar de comentar sobre como este momento de reclusão¹ me fez refletir ainda mais, sobre a questão da presença.

Seres afetuosos que somos, sentimos falta do toque, do carinho, do abraço, do afago e do contato. Parece que foi preciso mesmo se afastar para querer estar junto, querer a presença.

Sabemos que a educação, principalmente de crianças tão pequenas, se faz na interação e troca com o outro, ela acontece na inteireza da presença.

Quando penso em seres, ainda tão pequenos, recebendo aulas online, me pergunto de fato qual o real papel de nós educadores e de uma instituição de ensino.

Será que tantos vídeos, telas e conteúdos fazem sentido em um momento como este?

Será que as instituições de ensino, como prestadora de serviço, estão acolhendo os pais na escuta do que de fato as crianças estão dizendo, dentro de suas casas, ou será que um e-mail com uma receita, explicando como se prepara uma tinta natural, faz tanto sentido assim?

Penso que contribuir com informações é importante, mas quais informações de fato, são mais pertinentes?

Acredito, com certa convicção, que estas, poderiam brotar da escuta que os pais fazem de seus filhos, principalmente os mais pequenos, como por exemplo, seus medos, anseios e preocupações, ou até mesmo, uma descoberta que fizeram ao constatar que a água pode ser fria, quente ou se transformar em gelo.

Se contribuíssemos para essa escuta, poderíamos sugerir formas dos pais pensarem em como enriquecer essa pesquisa que surge de maneira natural, através de uma escolha genuína e ainda, enriquecer essa relação que se faz na presença do outro, em um momento de reunir de fato a família.

¹ *Cito reclusão, pois a escrita final desse trabalho acontece junto com a chegada da pandemia que nos assola no do ano de 2020, mais precisamente no mês de março. E junto com ela, muitas e novas reflexões e preocupações no que tange as infâncias e a vida na terra.*

Isto na verdade, é uma hipótese que surge neste instante, porque também não sei ao certo, o quanto conseguimos cobrar isso de pais que não são pedagogos, e tão pouco estão ali para isso, ainda que eu ache possível.

Outra preocupação que me atravessa, é de como as famílias e os próprios centros de educação, estão cuidando dos sentimentos que transbordam nas crianças durante este confinamento, e como estão falando ou não, do assunto que está posto e exposto a todos nós e as crianças também.

Minha fala acima, está de acordo com a realidade escolar que vivo, no entanto, não paro, e nem posso deixar de pensar, nas crianças e famílias em grande situação de vulnerabilidade social. Como escutá-las ou propor tantos conteúdos aos seus pais, que muitas vezes, se quer deixaram de trabalhar. Como assegurar seus direitos e sua segurança, quando não sabemos ao certo como é estar em casa, e que tipo de acesso elas tem a tudo isso.

Será que os conteúdos neste momento são tão, e mais importantes, do que os pratos de alimentos que faltarão durante as refeições que aconteciam no âmbito escolar?

Qual é a escuta necessária a dar a essas crianças, e com o que então, é mais importante contribuir?

Talvez falarmos da atual situação seria de fato situá-las ao que está acontecendo, e dentro disso, trabalhar os medos, os anseios, as frustrações, as saudades, e tantos outros sentimentos, que os atravessam neste instante. Pois isso sim, acredito ser imprescindível para qualquer criança.

É fato, que este é um momento atípico, e pegou todos nós de surpresa, inicialmente ninguém sabia como agir e levar os dias, mas sinto fortemente, que aos poucos toda essa situação foi contribuindo com importantes reflexões, principalmente no que diz respeito a nossa área de atuação – a educação.

Meus questionamentos acima, partem das preocupações que me atravessam, quando penso nas instituições de ensino e nas crianças de um modo geral, ainda que muitas outras inquietações fiquem latentes em mim.

Não podemos negar, que dentro de um grande assunto como este, que é a Pandemia, a muitos temas e sub temas a serem discutidos, pensados e refletidos.

Há como citei, crianças, jovens, adultos e idosos. Pessoas de todas as profissões, classes, cores e etnias. Há pessoas - há seres humanos – há vidas! Há presença e há distância. Há um fio invisível, conectando todos os corpos que por ora estão separados. Há um fio saindo de dentro de nós a procura de respostas para tantas questões internas.

Mas para além disso, ainda sinto que há muito mais sendo dito, e esses dizeres, vem para o mundo. Há um movimento global acontecendo e nos chamando talvez, para algo MUITO maior. Para mim, tem a ver com os verdadeiros valores de uma sociedade. E com isso, com os valores que esperamos que as crianças aprendam.

O tempo parou do dia para a noite. Em um fim de tarde, saí correndo do trabalho e quase não me despedi das crianças e das pessoas com quem trabalho. Foi um até breve inseguro, sem saber ao certo quando retornarei. Foi estranho parar em casa, e pensar para onde deveria seguir, um dia depois de ter saído do trabalho sem mais nem menos.

Acho mesmo que hoje, há um grande tempo, ainda que incerto e trazendo um turbilhão de emoções e sentimentos, há tempo.

Estamos lidando com algo invisível fora de nós, que também vem despertando algo invisível dentro nós – uma inquietação sem nome e sem hora marcada - a inquietação de não saber.

Por isso compartilho parte de um texto que li nos grupos de conversas virtuais, e que para mim, descreveu bem o que esse momento tem trazido de reflexão para minha vida:

[...] “Em todas as línguas a palavra mais falada é essa mesmo - “casa”, que ganha um novo significado, além de morada, vira “abrigo”[...]

[...] Que a sabedoria que aparece neste tempo, sirva para entendermos que viagens foram canceladas, porque a grande viagem que deve ser feita é para dentro de nós mesmos. Para que você entenda que o importante não são os custos, mas os valores[...]

[...] Que essa guerra sirva para que você reveja seus conceitos, entenda que rico é o trabalhador, sem ele não existe riqueza. Que sem homem a natureza é mais feliz e o céu é mais azul.

Que amigos usam a tecnologia para se fazer perto, e que não existe distância para aqueles que se amam. Que vencer uma guerra no sofá é uma benção, e está em suas mãos.

Sua casa é sua trincheira e “nessa terceira guerra mundial” a granada mais valiosa é a água e o sabão. E quando passar, olhe para essa quarentena e veja que ela foi apenas o tempo de incubação, que você precisou para renascer.

Adriano Gianpietro

Acho mesmo que é tempo de renascer, de voltarmos para dentro, e olharmos o que verdadeiramente importa para nós. Tempo de olhar o mundo por outro ângulo. De entender qual de fato, são os verdadeiros valores que temos e que queremos continuar oferecendo aos outros. Se necessário, repensá-los e mudar a rota para alcançar o que nos é mais valioso.

Para finalizar, também compartilho aqui, duas reflexões que surgiram em mim, nas primeiras semanas vivendo o confinamento.

Inspirações, crenças e reflexões, que me vieram a mente e me levaram a pôr no papel, o que eu já não conseguia mais expressar em palavras, apenas sentir, porque de fato estava vivenciando tudo ali.

Compartilho aqui, o que *já não é mais sobre um e sim sobre muitos, sobre nós e o outro, sobre o mundo.*

DE QUEM VOCÊ SE APROXIMOU QUANDO PRECISOU SE ISOLAR?

Seu jeito de cuidar foi sempre muito peculiar.

Se manifesta na empatia, na escuta, e no jeito bravo de se deixar levar.

Para ela, o espaço que habita tem que sempre estar em ordem, e isso, tem mais a ver com seu lar do que com sua casa.

Nesses dias de extrema intensidade, não foi diferente.

Pano para lá, pano para cá, *lave as mãos, troque de roupa, coloque – as para lavar.*

Não toque aí, deixe os sapatos para lá.

Quando os outros chegam não falta recomendações.

Sapatos para fora e uma meia para aquecer quem descalço, pisa no chão.

E ele, que decide sair com certa frequência, entra na dança de quem vai ouvir um pouco por desrespeitar tamanha recomendação.

As crianças que são agora sua maior alegria, têm cuidados para além da diversão, estão no zelo, no olhar e no coração.

Tira mesa do lugar, abre espaço para ele brincar. E ele, já comeu ou precisa se alimentar? Não fale alto, o menor dormiu! não pode acordar!

Eu sempre soube de sua maestria em deixar tudo lindo, mas nesses dias tenho me aproximado ainda mais do cuidado que ela nos dá. **MÃE!**

PRESENÇA, QUE BOM QUE VOCÊ SE FEZ!

Hoje é tempo de entrelaçar – juntar (-se), prender (-se), enlaçando (a outra coisa ou entre si); Entretecer (-se). (*definição Dicionário*)

Portanto, faça desse momento um laço atado com os seus, amarrado, para guardar para sempre na memória.

E, ainda que a distância assole nossos dias, ainda que por estes tempos os abraços fiquem suspensos e os corpos não se toquem com tanta frequência, há na morada de nossos lares o bem mais especial - o afago daqueles que amamos.

Mario Quintana foi quem disse: *“A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa[...]* Faça, porque *“Quando se vê [...]*” já passou!

Portanto, a oferta está dada – TEMPO!

O tempo que não é contabilizado apenas no relógio, mas no tempo de viver e estar plenamente ao lado daqueles que amamos e nos acostumamos a ter todos os dias. E o tempo, ah! O tempo passa.

Presentes não substituem o que há de melhor - a Presença, é isso que faz realmente a alma vibrar. A inteireza do outro em nossa vida.

Esteja, faça-se presente. Aproveite esses dias para contemplar o céu, brincar com água, cozinhar junto, montar cabana, brincar com tecidos, observar uma flor, provar roupas e despir-se de tudo que já não cabe mais na vida.

E ainda, que você seja ou esteja sozinho, aproveite sua melhor companhia – você!

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018. 104p.

BARROS, Manoel de. *Menino do Mato*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 112p.

CARVALHO, Ana. M. A; PEDROSA, Maria Isabel; FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti. *Aprendendo com criança de zero a seis anos*. 1ª Ed. São Paulo: Cortez, 2012. –256p. : (Coleção docência em formação: Educação Infantil / coordenação Selma Garrido Pimenta)

COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

FOCHI, Paulo. *Afinal o que os bebês fazem no berçário?* : Comunicação, autonomia e saber – fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso, 2015. 159p.

MACIEL, Ira. Et Al. *Te mandei um passarinho*: Prosas e versos dos índios no Brasil. 1ª Ed. Brasília: Ministério da Educação, 2007. 80p. – Literatura para todos: V. 1.

ORTIZ, Cisele; CARVALHO, Maria Teresa Venceslau de. *Interações: Ser professor de bebês: cuidar, educar e brincar: uma única ação*. Josca Ailine Baroukh, coordenadora; Maria Cristina Carapeto Lavrador Alves, organizadora. – São Paulo: Blucher, 2012. 221p.

ARTIGO

OLIVEIRA, Keilla; AQUINO, Fabiola; SALOMÃO, Nádia - *Desenvolvimento da linguagem na primeira infância e estilos linguísticos dos educadores* - 2016
<http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v34n3/v34n3a03.pdf> - Acesso em: 31 Out.2019.

JANIRO, A. C. A arte de educar – um lindo texto de Rubem Alves. Psicologia Acessível. 10/07/2015. Disponível em:

<<https://psicologiaacessivel.net/2015/07/15/a-arte-de-educar-um-lindo-texto-de-rubem-alves/>> Acesso em: 05/01/2020

RONAI, Paulo. *O espelho*. In: *Primeiras estórias* – João Guimarães Rosa. Recanto das letras. Acessível: 2016. Disponível em:

<<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/5206036.pdf?1430610030>>

Acesso em: 10/02/2020

APÊNDICE A – ENSAIO FOTOGRÁFICO – FOTOS SOBRE A POTÊNCIA DO GESTOS COMO FORMA DE EXPRESSÃO DO SER.

As fotos que compõem este ensaio fotográfico fazem parte dos registros de observação.



Um ensaio que nasce como uma forma de comunicar o que as crianças nos contam sobre suas pesquisas e descobertas em seus diálogos sem palavras. Complementa uma pesquisa sobre os ritmos e tempos, gestos e expressões infantis e suas ações comunicativas.

Evidencia o quanto as crianças são capazes de nos mostrar nas trilhas dos dias, tudo que apreendem do mundo que as cerca, através de seus gestos, expressões, e de suas múltiplas formas de se comunicarem conosco, com o outro e com o mundo.

Um ensejo para refletirmos sobre a potência comunicativa que as crianças têm ao nos narrar suas histórias diárias, através de todo um corpo.

A maneira como esses gestos revelam emoções, desejos, interesses, sentimentos e vontades em situações singelas do cotidiano, são alguns pontos que norteiam este ensaio fotográfico.

As crianças não precisam dizer em palavras, seu agir está posto diante de nossos olhos.

Para acessá-lo:

<https://documentcloud.adobe.com/link/track?uri=urn:aaid:scds:US:f12af771-97b2-4b29-b690-cec3ed60eae1>